

QUIXOTE E SEU CAVALO¹

(À memória de Sergio Martinez Sopena,
escultor cubano)

Me verão, muito magro, na rua Vinte e Três
um rocinante a mais, morto de fome de aventuras.
Meu amo se oxida em nostalgias
enquanto eu sigo, imóvel sempre e andarilho
olhando os homens com suas calças inúteis
e as mulheres de nádegas de bronze.

Os cães sabem de mim. Buscam seus pães e aspiram
o ar que me circunda na tarde dissipada.
Eu só, que bebo ferro, eu sigo alimentado;
passam por mim os distúrbios da fome
como passaram as loucuras de ontem.

Sei que o mar me responde para lá da
amurada.

Ouvi dizer que outro moço patrício
preferiu ofertar-se. Eu espero no tempo.
Virá. São sete séculos.
Nem um minuto
menos.

Pessoas dizem coisas,
depois voltam a
dizê-las
depois dizem que não,
não foram elas.
É duro ser inteiro e ter
grãos, como eu tenho.
Inda que velho, res-
pondo pelo meu si-
lêncio.

A AUTORA

Renata Pallottini

Dramaturga, poetisa e Professora Doutora em Artes, chefe do Departamento de Artes Cênicas da ECA/USP; autora, entre outros, de: **Casa e outros poemas** (1958); **A faca e a pedra** (1965); **Escorpião de Numância** (1969); **Mate e a cor da viuvez** (1975); **Coração americano** (1979); **Cantar meu povo** (1980); **Mistério do esqueleto** (1985); **Tita, a poeta** (1989); **Introdução à dramaturgia** (1983); **Dramaturgia. A construção do personagem** (1989); **Nosotros** (1994); **Obra poética** (1995).

1. Poesia da coletânea **Obra poética**. São Paulo: Hucitec, 1995.

É que a dor dói nos ossos e na pele
e é difícil sustentá-la,
também existe o medo de perder os andrajos
e o medo de descer as escadas, e o medo
de perder simplesmente a impressão de liberdade.

Diz Sancho que é prudente jamais assomar-se
que, cabeça, há só uma em cima do pescoço,
e que o homem não é mais homem, quando morto.

Eu digo Viva a Vida e Morra a Morte;
não há nada melhor que ser, quando se pode.

Se a mim me coube um amo, foi por meu nascimento,
irracional, quadrúpede incoerente.
Repito as névoas da manhã e ouço as falas da foice
sangrando a terra outra vez. Nada é nítido.
O destino do vivo é viver; e os meninos
exibem roupas e precários lenços
enquanto as mães, cozinhando raízes,
esperam o dia em que retorne o vento.

Ninguém dirá de mim como do outro: Cavalo Louco.
Eu tive meus momentos, e isso que sou inteiro.
Meu passo é lento, mas meu pensamento
disfarça a noite quando passam estrelas.
As rédeas ladeadas já não me conduzem.
Don Alonso ficou-se. Em seu estômago há uma cruz.
Pousam pássaros mansos na minha cauda de escamas.
O ferro tem propriedades estranhas.

E comigo é preciso falar de ervas;
assim somos. Perdi meu tempo e estou eterno.
Nada como um cavalo frente ao mar,
este céu tão fechado e tão aberto.

Sou do tempo da palha e dos tambores,
comia às vezes como o povo agora.
Sobrevivi; sou lenda; e me desfaço
sob a chuva de outono, ao som de passos.

Vejo o dia passar e ouço o rumor das rixas
por um punhado de cenouras ou de espigas de milho.

Um cavalo, a despeito, tem o seu orgulho.
Eu não pude escolher nem dei vivas a nada.
Levantei a cabeça e abanei a cauda
e me pus a cagar, como é meu hábito.

Um cavalo é assim, mais sua natureza.
Mudam-se os nomes e a aveia do banquete.
A longa vida faz virar-se a mesa,
as espadas guardadas estão verdes.

Ouvi dizer que comer não é tudo,
mas me parece bom que nos fartemos.
Eu, que carrego o eterno sonho do Homem,
mastiguei muitos campos e bebi muitas fontes:
não se pode viver sem horizontes.

Um cavalo, que vai e volta devagar,
conhece sua razão de regressar.

As águas da cidade fenecem como cinzas.
No coração dos homens o tédio se espreguiça.

Às vezes chega alguém que nos toca, abismado:
o metal lhe responde em quatro campanadas,
o escudo de meu amo, a minha cauda,
soamos a sino os dois, no agouro desta praça...

Aqui ninguém se fala no âmbito das salas,
aqui ninguém se fala.

A antiga, a primogênita, a escolhida
dizem que foi votada ao fundo oceano.
E os negros fugitivos de outras ilhas
talvez a busquem por desejo antigo,
talvez a busquem por desejo arcano.

Entre as flores e os pássaros sem sombra
os lírios prestes a submergir
e o açúcar das folhas, deve haver um conluio:
por isso é que hoje a rua está escura.

Porém o incêndio já se está formando
um fogo largo à procura de ambiente,
um desespero ardente, fustigado,
que diz de medo e ódio entre os irmãos.

Eu sei: a pedra é a pedra.
A guerra é outra palavra.
Há muitos fabricantes de medalhas,
mas um artista é preciso pra que se faça uma estátua.

Uma folha caminha a meus pés com paciência.
Uma folha-animal se arrasta, presa ao seu elemento.
Não se pode esquecer as pequenas verdades,
tais como o ser, o pensamento, e um cigarro

Uma folha caminha, disfarçada de folha.
No entanto, olhando bem, é uma verdade com sua força.